

“Hoje sou um coração pela metade”: mães enlutadas no Facebook e o cotidiano pós-tragédia

“Today I'm a half heart”: mourning mothers on Facebook and the post-tragedy everyday life

Alice Bianchini Pavanello^a

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3909-2865>

Alisson Machado^b

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1687-7248>

Sandra Rúbia Silva^c

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7548-5178>

Submissão: 16/03/2020. Aceite: 08/06/2020.

Resumo

O artigo interpreta práticas de consumo do site de rede social Facebook na composição das experiências da maternidade e da elaboração do luto de quatro mães que perderam seus(as) filhos(as) no incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria, RS. A partir de uma etnografia para a internet se discute o papel das redes sociais digitais na formulação das emoções e do cotidiano pós-tragédia. O trabalho aponta que, nessas práticas, se entrecruzam sentidos produzidos no compartilhamento da dor com os demais elementos que constituem a vida maternal das interlocutoras. Além disso, indica como as interações no site são conduzidas e interpretadas através das reconfigurações da maternidade diante da tragédia.

Palavras-chave: Maternidade. Luto. Redes sociais digitais.

Abstract

The article interprets consumption practices of the social networking site Facebook in the composition of the motherhood experiences and the elaboration of the mourning of four mothers who lost their children in the Boate Kiss fire, in Santa Maria, Southern Brazil. Based on an ethnography for the internet, it discusses the role of digital social networks in formulating of the emotions and the post-tragedy everyday life. The work points out that, in these practices, meanings produced in the sharing of pain intertwine with the other elements that constitute the maternal life of the interlocutors. Moreover, it indicates how the interactions on the site are conducted and interpreted through the reconfigurations of motherhood in the face of tragedy.

Keywords: Maternity. Mourning. Digital social networks.

^a Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Comunicação. Santa Maria - RS, Brasil. E-mail: alicebpavanello@gmail.com

^b Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Comunicação. Santa Maria - RS, Brasil. E-mail: machado.alim@gmail.com

^c Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria - RS, Brasil. E-mail: sandraxrubia@gmail.com

Introdução

A tragédia da Boate Kiss aconteceu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, cidade com cerca de 280 mil habitantes, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A casa noturna, onde acontecia uma festa organizada por estudantes universitários, pegou fogo depois que um dos integrantes da banda que estava no palco acendeu um artefato pirotécnico. As chamas atingiram o forro da estrutura e se alastraram rapidamente, matando 242 pessoas, a maioria intoxicada com a fumaça. A investigação da Polícia Civil apontou 18 pessoas como responsáveis pelo incêndio, os dois sócios da Boate, dois integrantes da banda, familiares dos donos, secretários, funcionários, fiscais da prefeitura e o prefeito, além de dez bombeiros que trabalharam no resgate das vítimas, na fiscalização da boate e o comandante da instituição (ARBEX, 2018). Entretanto, apenas quatro pessoas foram denunciadas pelo Ministério Público e se tornaram réus no processo, que segue em andamento. Ainda que os réus sejam condenados, os familiares consideram que a justiça não será feita, uma vez que as autoridades públicas não foram responsabilizadas pelas consequências de a boate nunca ter funcionado com todos os alvarás em dia (KEGLER, 2016). Nesse contexto, que envolve lutas e dinâmicas biopolíticas, bem como o embate de diferentes atores e instituições sociais, não apenas as instâncias midiáticas tradicionais, como as coberturas jornalísticas, participam da construção do cotidiano pós-tragédia (SILVEIRA, 2018), mas também as mídias sociais digitais, individualizadas, pessoalizadas e responsáveis por operações de autocomunicação e expressão de si (SÁ; POLIVANOV, 2012).

A forma como muitos familiares encontraram para manifestar seus sentimentos e legitimar seu direito de luta e luto foi por meio das utilizações das plataformas sociais digitais. Dentre elas, o Facebook ocupou uma centralidade. Ao consideramos que as mães de vítimas do incêndio vivenciaram com a morte de seus(as) filhos(as) o que Das (1996) nomeia por “evento crítico”, ou seja, a articulação de um acontecimento que desestabiliza os referenciais de mundo, devastando as estruturas sociais e emocionais na reconfiguração de outras temporalidades e deslocamentos (VECCHIOLI, 2000), buscamos compreender as utilizações do Facebook pelas mães enlutadas, tendo em vista a devastação socioemocional da tragédia e a inserção dessa mídia social na vida cotidiana.

O estudo é baseado na perspectiva etnográfica a respeito da elaboração da cultura material e das mídias sociais digitais como significativo elemento da vida cultural dos

indivíduos, grupos e das populações (MILLER, 2011; MILLER, et al. 2016). Desde essa perspectiva, se considera que as mídias sociais digitais adquirem significados próprios que devem ser considerados de acordo com os contextos específicos e particulares de apropriação tecnológica (MILLER, 2011; 2013), levando em consideração as interações e navegações que os usuários realizam na internet (HINE, 2015; 2016).

Campanella e Barros (2016), destacam que as práticas realizadas nos ambientes online não podem ser analisadas fora de um sistema social organizado, ou isoladas de outras esferas da vida, não sendo adequado ver a internet como determinante de comportamentos. “As ‘novas mídias’, portanto, entram na vida de sujeitos específicos, que se orientam a partir de códigos culturais particulares que criam práticas diversas a serem analisadas” (CAMPANELLA; BARROS, 2016, p.8). Isso implica refletir as variantes como cada experiência digital é organizada e vivida dentro de um universo específico de relações. “Se consumo é hoje, antes de tudo, experiência, como muitos afirmam, em que medida essa experiência é singular e específica em relação a outros tipos de experiências?” (BARBOSA; CAMPBELL, 2012, p.27). Ao tomar o Facebook como um ambiente digital consumido e habitado, estamos

utilizando-o para classificar dimensões da vida social a partir de uma nova perspectiva, investindo-o de uma função e importância que até então não lhe era atribuída, qual seja a de um dos mais importantes mecanismos de reprodução social do mundo contemporâneo (BARBOSA; CAMPBELL, 2012, p.24).

As interpretações apresentadas são oriundas do trabalho de campo realizado durante 12 meses acompanhando o cotidiano de quatro mães que tiveram seus(as) filhos(as) vitimados(as) na tragédia. São elas: Ligiane da Silva, de 50 anos, mãe de Andrielle (então com 22 anos); Áurea Flores, de 55 anos, mãe de Luiz Eduardo (então com 24 anos); Maria Aparecida Neves, de 61 anos, mãe de Augusto Cezar (então com 19 anos) e; Vanda Dacorso, de 58 anos, mãe de Vitória, (então com 22 anos). Tendo em vista as tensões que o anonimato etnográfico implica na pesquisa (FONSECA, 2010), no artigo são apresentados os nomes reais, bem como imagens e fotografias dos(as) filhos(as) recolhidos das postagens na rede social. O anonimato perde seu sentido protetivo no contexto das mães enlutadas que lutam por justiça, uma vez que, grande parte de suas ações (bem como a própria participação delas na pesquisa e a autorização delas do uso desse material) implicam formas de atuação pública direcionada principalmente à luta, material e simbólica, contra a repetição do ocorrido e seu esquecimento. A seleção das

quatro interlocutoras diz respeito não apenas à atuação delas nas mídias digitais, mas também e principalmente por se destacarem na ágora pública pós-tragédia, reconhecidas pública e imagetivamente como as mães de vítimas e por estarem à frente de ações, como a realização de vigílias semanais e mensais e a promoção de campanhas solidárias, como festas para crianças da periferia, arrecadação de doações para comunidades indígenas e moradores de rua, confecção de cobertas e roupas para recém-nascidos em hospitais públicos.

Para compor o horizonte interpretativo do material empírico selecionado, enfocamos nas materialidades observadas na rede social, tanto em relação aos conteúdos postados, quanto às dinâmicas de interação e circulação. As materialidades digitais implicam não apenas os elementos do visível (observáveis da pesquisa), mas os regimes de disputa por reconhecimento social (MILLER; HORST, 2015). Observando os deslocamentos entre os ambientes online e offline, que dinamizam tanto a vida social quanto o empreendimento etnográfico em mídias digitais (MILLER; SLATER, 2001), essas materialidades foram interpretadas por meio de entrevistas em profundidade e observação participante junto às mães, o que aconteceu durante doze meses na Tenda da Vigília, espaço físico que serve como símbolo de resistência dos familiares de vítimas.

A Tenda da Vigília foi montada em uma praça central de Santa Maria, três meses após o incêndio, por familiares de vítimas e permanece no mesmo lugar. Embora tenha passado por transformações em sua estrutura física, atualmente abriga um banner com a foto dos 242 mortos. A Tenda é reconhecida entre os familiares como o espaço das mães. É onde elas expõem de forma pública dimensões privadas e pessoais de sofrimento, pela corporificação de emoções (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017). Para além da observação das postagens na rede social, a imersão semanal nesse espaço, ao se estabelecer através da confiança, permitiu “a observação de atividades online em paralelo com as offline” (HINE, 2016, p.24).

Na primeira seção do artigo são apresentadas algumas materialidades empíricas a respeito da elaboração do luto e do compartilhamento da dor no Facebook. Na segunda, se interpreta esse corpus, tendo em vista os modos com que essa mídia incide sobre a maternidade e sobre o cotidiano pós-tragédia. Com isso, entende-se que as experiências observadas não caracterizam a totalidade das vivências sobre o luto traumático, mas que possibilita entender alguns dos elementos do universo digital que singularizam esses casos, bem como “a própria experiência do consumo com toda a riqueza simbólica que configura cada caso como sendo único” (CASTRO, 2014, p.64).

Quando “a saudade sufoca”: materialidades do luto materno no Facebook

Dentre as motivações que levam as mães a utilizarem o Facebook está a intenção de mediar a comunicação com os(as) filhos(as). Percebe-se que em alguns textos elas estabelecem uma conversa com esses jovens, utilizando-se de recursos disponíveis na mídia social para estabelecer um diálogo direto. Na Figura 1, Áurea conversa com Luiz Eduardo, a quem chama de Dudu, como se ele pudesse responder aos questionamentos e marca na publicação o perfil do filho que seguia ativo na rede social. Mesmo não obtendo respostas materializadas dele, ela consegue exteriorizar um sentimento, por meio de um comportamento que entende por habitual de ser mãe, de perguntar como o filho está e assim manifestar a sua preocupação. Áurea diz que “a saudade sufoca” e por isso precisa achar meios para conversar com o filho e expressar o que sente, “é uma forma de eu me sentir com ele perto, porque saudade de uma mãe com o filho, eu acho que não tem coisa pior”.

A conversa com o filho é um esforço empreendido por ela na tentativa de levar a vida de volta para um estado de equilíbrio anterior à perda (MELO, 2016). Na publicação, ao revelar sua tristeza, Áurea recebe tanto o apoio de outras pessoas por meio de comentários que completam o circuito da comunicação (MELO, 2016), quanto do sistema pictórico de reações, como os *emojis* de coração e de tristeza, que pontuam formas de aderência à mensagem. Ela afirma que ler os comentários é uma forma de alívio da dor, de se sentir integrante de um grupo formado por aqueles que sofrem e aqueles que se solidarizam com seu luto.

Figura 1 – Publicação de Áurea no Facebook, 18 de janeiro de 2018.



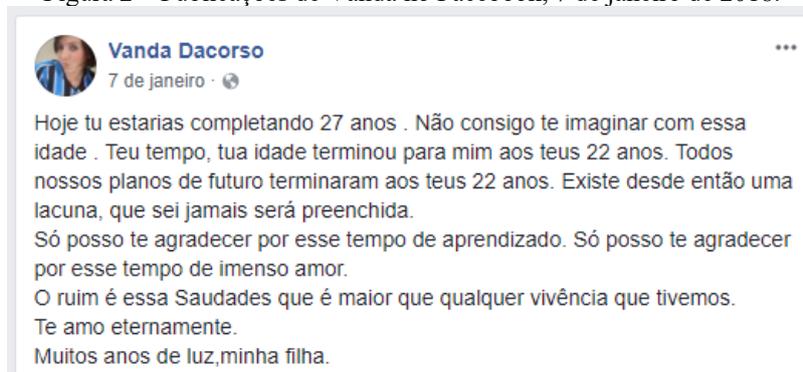
Fonte: Facebook. Elaborado pelos autores.

As postagens também passam a servir como uma forma de recordar o(a) filho(a) e de continuar demonstrando orgulho. Compreendendo as dificuldades que enfrentarão pela ação do tempo, as mães consideram impossível projetar os seus futuros sem a presença deles(as). Em uma publicação, do dia 28 de janeiro de 2018, Áurea compartilha uma notícia que fala sobre um projeto desenvolvido por Dudu enquanto estudante de Ciências da Computação da Universidade Federal de Santa Maria, que tinha como objetivo ajudar pessoas com limitações motoras. Ela afirma que são as lembranças que o filho deixou e das quais ela sente orgulho, na impossibilidade de ver novas conquistas, que lhe alegram. Os feitos realizados em vida e compartilhados na rede servem como uma forma de manter viva a memória do jovem.

O dia do aniversário dos filhos também é especialmente importante para esse grupo de mulheres. Todos os anos, na data dos respectivos aniversários, as quatro fazem publicações endereçadas a eles. Vanda, em um texto reflexivo sobre como seria a vida da filha se não tivesse sido interrompida pela tragédia (Figura 2), estabelece uma conversa com Vitória em um exercício de pensar sobre as próprias emoções (BOUSSO *et al.*, 2014), de imaginar um futuro não vivido, embora desejado, e de expressar o amor materno. Na impossibilidade de estar fisicamente com a jovem, ela utiliza o Facebook para lembrar a data em que ela estaria de aniversário. A publicação contém uma foto de Vitória sorridente e recebe vários comentários de carinho e solidariedade. Ao parabenizá-la pelo que seriam seus “anos de vida” ela escreve “anos de luz”, pois dada a circunstância da morte, a vida que se comemora não é mais a terrena, mas aquela que se encontra em outros planos, sejam religiosos, simbólicos ou emocionais e que participam ativamente

das formas de manutenção dos afetos a partir do estabelecimento do nascer/morrer como elemento definidor dos ciclos que definem uma vida.

Figura 2 – Publicações de Vanda no Facebook, 7 de janeiro de 2018.



Fonte: Facebook. Elaborado pelos autores.

Na Figura 3, no dia 14 de setembro de 2018, Maria Aparecida escreve: “Hoje eu acordei com saudade de vc meu filho amado, seria um dia de festa de comemorar teus 25 anos, mas infelizmente não é possível, a festa é só tua aí no céu com seus amigos que estão aí”. Na publicação, ela acrescenta fotos com o filho e uma figura de coração. Cida considera que é de origem humilde, mas que apesar disso sempre se esforçou para dar o melhor para Augusto, seu filho adotivo. As festas de aniversário quando criança era um exemplo disso: “A gente fazia dentro das nossas possibilidades, mas o melhor pra ele”. As fotos reveladas em papel, que ela guarda em uma gaveta no quarto que foi do filho, foram fotografadas e transferidas para a memória do celular a fim de serem compartilhadas no Facebook. Nessas postagens, são as materializações do passado, principalmente através das fotografias das diferentes fases da vida do filho e das memórias de eventos e acontecimentos considerados importantes que demarcam o futuro que não será realizado e que é justamente definido pela sua própria impossibilidade.

Figura 3 – Publicação de Maria Aparecida no Facebook, 14 de setembro de 2018.



Fonte: Facebook. Elaborado pelos autores.

Andrielle, filha de Ligiane, estava na boate comemorando seu aniversário junto a algumas amigas. Desde 2014, no dia 24 de janeiro, Ligiane promove uma vigília de aniversário para lembrar a data de nascimento da filha, um dia que anteriormente era comemorado como sendo de festa. Ao longo da semana que precede esse dia, ela faz publicações no Facebook convidando as pessoas para que compareçam ao encontro e levem um abraço como presente. No dia, ela monta uma mesa com a foto da filha, objetos pessoais como o tênis All Star “que ela nunca tirava do pé”, um ursinho de pelúcia com a camiseta do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, time esportivo para o qual ela torcia e o violão.

Na Figura 4, a publicação de Ligiane no final do dia 24 de janeiro de 2018, mostra além da organização da Tenda, também as visitas e os presentes que recebeu com uma frase de agradecimento: “Muito obrigada por cada abraço e gesto de carinho que recebi hoje, vocês com certeza deixaram meu dia mais leve”. Ligiane conta que fica feliz com tanto carinho que recebe, que reencontra amigos dela e da filha e que a vigília ajuda fazendo com que o dia passe com menos sofrimento.

Figura 4 – Publicação de Ligiane no Facebook, 24 de janeiro, 2018.



Fonte: Facebook. Elaborado pelos autores.

A manutenção de ritos de celebração da vida, faz com que ela queira evidenciar a presença da filha, por meio de algo concreto, no caso a vigília e os objetos pessoais que simbolizam a jovem. Como afirma Miller (2013), é por meio das materialidades que os projetos maternos se realizam. No caso de Ligiane, ela consegue não apenas demonstrar que ainda é mãe, mas viver a maternidade. Por meio da celebração do aniversário, ela não apenas imagina uma situação que gostaria de experienciar novamente. Materializa a presença da filha comemorando não o tempo agora interdito do futuro, mas sim os anos que viveram juntas.

O emprego da linguagem do corpo é outra prática das mães na mídia social para expressar suas emoções, sendo essa adotada muitas vezes não de forma intencional, mas para tentar descrever uma sensação que é, em sua essência, indescritível. Áurea escreve em um texto dedicado ao filho, publicado no dia 27 de setembro de 2018: “27 de janeiro de 2013, o dia em que meu coração parou de bater por alguns segundos. Hoje sou um coração pela metade [...] dói muito, sufoca e o mundo já não tem a mesma cor”. Ao dizer que o coração parou, que está partido, que quase não consegue respirar, ela representa essa dor como uma realidade corporal concreta, que se não pode ser experienciada de

igual modo por outros(as), ao menos pode ser imaginada por aqueles(as) que lerem sua mensagem.

Ao corporificar as emoções (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017) as mães tentam demonstrar a intensidade do impacto da tragédia. Atingir o coração, o peito, é atingir o próprio núcleo das emoções e fonte de energia da vida social. O corpo também é utilizado para falar sobre o vínculo que uma mãe tem com o(a) filho(a), continuação de sua própria materialidade, quando explicam o amor materno conectado aos atos do cuidado, que vão desde a gestação/adoção, ao amamentar/alimentar até, no caso delas, aos ritos de morte e de cuidado com as memórias dos(as) filhos(as).

Sobre a dor compartilhada: elaborações digitais no cotidiano pós-tragédia

A aproximação entre as mães retratadas na pesquisa se deu como consequência do compartilhamento da dor da perda de um(a) filho(a). Elias (2001) afirma que a identificação entre os seres humanos e o compartilhamento dos sofrimentos, assim como dos ritos entorno da morte, são aspectos de socialização que podem tanto unir quanto separar as pessoas. A morte de um(a) filho(a) é culturalmente vista como uma quebra do ciclo natural da vida. Uma morte considerada prematura, como no caso da Boate Kiss, dimensiona seus significados sociais principalmente à categoria “juventude”. Nesse caso “não foram destruídas só as expectativas, esperanças e alegrias do morto, mas também as dos sobreviventes” (ELIAS, 2001, p.74). As mortes decorrentes da tragédia configuram uma perda prematura, inesperada e calamitosa. Não apenas a violência da morte tornou a perda mais intensa, mas também a aniquilação das expectativas de vida e, principalmente, as não-realizações dos(as) falecidos(as) se tornaram uma agravante no processo de luto (OLIVEIRA-CRUZ, 2018).

Sendo a morte processo e produto social (RODRIGUES, 2006) assim também são os ritos entorno dela. As circunstâncias em que a morte acontece é, em parte, responsável pelas formas com que o luto é vivido. O luto é um processo vivido de forma diferente por cada pessoa, de acordo com o contexto social em que se encontra, considerando tanto os fatores individuais e sociopsicológicos quanto as estruturas sociais e culturais mais amplas que conformam essa experiência (SARTI, 2014). Assim, como consequência, as formas de expressão dos sentimentos, além de um fenômeno subjetivo e singular, implicam condições, aprendizados e expectativas compartilhadas da vida social

(MAUSS, 1979) que conformam práticas específicas de materialização e de elaboração das emoções e afetos (REZENDE; COELHO, 2010).

A percepção da morte nas sociedades ocidentais tem mudado ao longo dos anos, passando de algo domesticado na sociedade cristã medieval, para algo repellido e repudiado nas eras moderna e contemporânea (FOUCAULT, 2013). Assuntos relacionados à morte são, em muitos espaços, considerados desagradáveis e interditos, vistos como uma ameaça ao “dever moral e a obrigação moral de contribuir para a felicidade coletiva” (ARIÈS, 2017, p.87). A partir do século XX, se modificam as práticas e percepções acerca da morte com a finalidade de poupar a coletividade de forma a não perturbar outras pessoas com as insinuações do morrer. Um dos motivos seria uma forma de controle da sociedade, “uma coerção social perfeitamente identificável, que obedece a princípios políticos inteiramente localizáveis, característicos de nossa cultura” (RODRIGUES, 2006, p.165), que induz que a morte seja banida da consciência de todos(as), permitindo que as pessoas persigam um projeto de felicidade como devir humano.

A imagem coletiva do sofrimento de uma mãe que perdeu o(a) filho(a) de forma violenta colabora com o surgimento de sentimentos como compaixão e solidariedade (FREITAS, 2002; LACERDA, 2014). Essa ideia advém de uma imagem socialmente construída a respeito do amor materno e do papel de mãe nas sociedades ocidentais, construída como aquela que se sacrifica pelos(as) filhos(as) em um ato sempre contínuo de amor incondicional (BADINTER, 1985). Essa narrativa dá sequência simbólica ao sofrimento de Maria, mãe de Jesus, convertendo as “mães de vítimas” em categorias identitárias e políticas que manifestam, nas diferentes territorialidades, mobilizações em geral, de caráter pacífico, amparadas na ideia de que o sofrimento e a resiliência seriam intrínsecos à maternidade (LEITE, 2004).

Em Santa Maria, as mães enlutadas receberam a solidariedade dos(as) moradores(as) em ações coletivas realizadas nos dias seguintes à tragédia. Amarrando fitas brancas em veículos, residências e estabelecimentos comerciais, atores sociais organizaram caminhadas de homenagem às vítimas e pedidos de justiça, reunindo mais de 30 mil pessoas (SILVA, BRIGNOL, 2018), além da criação de redes de apoio (PEIXOTO; BORGES; SIQUEIRA, 2016). Essa solidariedade ainda é manifestada por muitas pessoas que respeitam e apoiam a luta dos familiares. Entretanto, para uma parcela da população, parece que esse sentimento teve o prazo de validade vencido. São pessoas

que as tratam com hostilidade tanto nas redes sociais na internet quanto presencialmente, as insultando ao passarem pela Tenda. Essas pessoas entendem que já deveria ter passado o período de luto coletivo, cobrando das mães para que elas “superem” a morte dos(as) filhos(as) e deixem a cidade “voltar a sorrir”. Da mesma forma, entendem que elas deveriam deixar as redes sociais livres de seus lamentos, pois lá seria um espaço destinado ao entretenimento, ao lazer e a vida livre dos conflitos e contradições.

Essa tensão pode ser observada, por exemplo, na publicação do dia 25 de novembro de 2018, no jornal Diário de Santa Maria, que postou uma notícia sobre uma pintura artística feita em um viaduto da cidade por estudantes do curso de Artes Visuais, com o título “Nomes das 242 vítimas da Kiss são escritos em viaduto no Centro”¹. A publicação criou um espaço para a população interagir e opinar sobre o assunto. Foram mais de 900 reações e 76 compartilhamentos. Entre os 54 comentários pode-se perceber muitos repudiando a ação: “pouco mais de um mês após pintarem da cor original, já está cheio de desenhos mal feitos (que chamam de arte) e agora mais essa dos nomes... o povo gosta de viver na sujeira mesmo”; “Pobres Almas. Nunca poderão descansar”; “Desde 2013, o centro de Santa Maria virou um mausoléu a céu aberto”. Há também aqueles que são solidários à causa: “Vocês falam isso porque não perderam nenhum filho lá, queria ver se tivessem perdido e tivessem que conviver com a impunidade, os culpados soltos vivendo suas vidas felizes!”; “A dor das famílias não vai diminuir, mas com certeza vai ajudar a seguir em frente lutando por justiça”. Ler os comentários negativos na publicação original as magoou profundamente, se sentindo desrespeitadas e menosprezadas em sua dor. Elas percebem que “incomodam” tanto a cidade quanto a rede social. O amor materno revela-se como um estorvo ao projeto de felicidade compulsória e de progresso econômico.

Entretanto, quando a mesma notícia foi compartilhada pelas quatro em seus perfis pessoais a reação foi outra. Visualizada por aqueles que são seus amigos no Facebook, a publicação teve apenas comentários positivos, de apoio à ação e solidariedade à dor. Assim, percebe-se que as mães conseguem fazer com que seus perfis, ainda que públicos, tenham uma certa privacidade gerada a partir das formas específicas de consumo da plataforma. Por meio do acionamento de ferramentas próprias do site, como curtir e comentar em publicações de outras mães enlutadas e a exclusão de amigos que fazem

¹ Nomes das 242 vítimas da Kiss são escritos em viaduto no Centro. Facebook. Diário de Santa Maria. Disponível em: <https://diariosm.com.br/not%C3%ADcias/geral/nomes-das-242-v%C3%ADtimas-da-kiss-s%C3%A3o-escritos-em-viaduto-no-centro-1.2109565> . Acesso em: 20 abr. 2020.

comentários indesejados em suas publicações, elas criam um ambiente protegido pelas lógicas algorítmicas (LANIER, 2018) e pelas bolhas de filtros (PARISER, 2012), no qual conseguem manter afastados aqueles(as) que não compartilham de seus propósitos e opiniões.

A construção social dos papéis incumbidos às mães também tem origem na distribuição de poder com base em distinções criadas entre homens e mulheres. No momento em que as diferenças biológicas são associadas a elementos comportamentais e temperamentais naturaliza-se a divisão do trabalho sexual, sendo as mulheres relegadas ao espaço doméstico e familiar e tendo como principal atribuição a maternidade (MEYER, 2003; PISCITELLI, 2009). Mesmo que os padrões de maternidade tenham sofrido transformações conforme as mulheres passaram a ocupar os espaços públicos, ainda muito se atribui a elas a responsabilidade da criação dos filhos (SCAVONE, 2001) o que inclui, em geral, além da manutenção imediata da vida, a formação moral e cultural dos mesmos.

Diante da perda, as mães afirmam que precisam encontrar “um novo sentido às suas vidas”, principalmente perante a ausência e a nova configuração de vida que passam a enfrentar, o cotidiano sem a presença dos(as) filhos(as) (FREITAS; MICHEL, 2014). Uma característica do modo de gerenciar o luto é por meio da expressão do sofrimento em bens culturais, artefatos e ações destinados ao espaço público, por meio de livros, blogs e da participação em agendas públicas dos movimentos sociais e da sociedade civil, que aglutinam ações online e offline e formas de interação presencial e conectada na internet (FARIA; LERNER, 2018).

Dentre as práticas ou ações que são comuns às mães que passam por essa situação, estão as tentativas de perpetuar a memória dos(as) filhos(as) não apenas para que não sejam esquecidos(as), mas principalmente para que sejam lembrados(as) de forma positiva, carinhosa e respeitável. O luto articula, portanto, um papel que moraliza e qualifica o ente perdido, na seleção de todo o material sensível que se coloca à perpetuação no tempo. O engajamento das mães na rede social, seja nas publicações em seus próprios perfis ou na manutenção dos perfis “em memória” (quando o perfil segue em funcionamento apesar da morte do usuário) é interpretado por elas como projetos de herança. Na impossibilidade de manter a linha direta do parentesco pelo direcionamento da herança (que é tanto material, quanto emocional e simbólica), essas ações são

consideradas se não como a única, uma das poucas heranças possíveis de serem deixadas enquanto elas viverem.

Uma vez que elas não receberam o apoio psicológico e emocional devido e é esperado que rapidamente superem a perda e voltem às suas atividades normais (FRIZZO, 2015; FREITAS; MICHEL, 2014), as redes sociais online se apresentam como uma alternativa para que possam elaborar suas questões sobre a morte, a saudade e o luto. Dessa forma, a mídia social também é vista como um recurso terapêutico, que as ajuda a refletir e externar as emoções, processo que implica a própria avaliação pessoal que se realiza na plataforma (MILLER; MADIANOU, 2012).

Encontrar formas de exteriorizar os sentimentos, por meio da mídia social pode ser um importante caminho para mães que perderam os filhos enfrentarem o período de luto. Esses espaços são tomados como legítimos para que as pessoas possam falar sobre a morte sem sofrerem tantas recriminações (NEGRINI, 2010). Para Perluxo (2015), o Facebook é um meio para que as mães recebam apoio, se identifiquem com outras mulheres, recordem dos(as) filhos(as), recebam informações sobre eles(as) de outras pessoas, que também compartilham na rede as suas lembranças e para homenageá-los(las). Quando a morte é repentina, ainda, o número de publicações é maior, “pois existe o sentimento de que ficou alguma coisa por dizer” (PERLUXO, 2015, p.42). Em caso de mortes violentas, a rede social online ainda possibilita a publicização de acontecimentos decorrentes do caso e a luta por justiça (FARIA, 2017), o que para as mães de vítimas da Boate Kiss implica em perseguir e legitimar seu direito de mãe enlutada de se manifestarem no espaço público.

Segundo Bousso, *et al.* (2014) as redes sociais impulsionam a manifestação de sentimentos normalmente retraídos colaborando para a elaboração do luto, além de funcionarem como “possibilidade de suporte social, mas também por oferecer a oportunidade de interações que ajudam a refletir sobre sua relação com o falecido e suas próprias emoções” (BOUSSO *et al.*, 2014, p.177). Para Melo (2016), deixar mensagens para aqueles que partiram, além de uma forma de refletir a dor da perda e a saudade, pode funcionar como “mecanismo de resignação, de aceitação dessa realidade imutável” (MELO, 2016, p. 98).

Sendo a troca de mensagens entre pelo menos dois usuários a base do funcionamento do Facebook, no momento em que falta um desses elementos, acontece o que Melo (2016) chama de reflexo, um retorno para si da mensagem enviada para o outro, podendo essa ser vista por outras pessoas do ciclo social online dos envolvidos no

processo. Publicar algo direcionado a alguém que não tem condições de responder mostra uma subversão do princípio dos sites de redes sociais e uma mudança na perspectiva de serem vistos na plataforma de comunicação. Assim, depois da morte dos(as) filhos(as), as mães passaram a utilizar o Facebook como

mecanismo de visibilidade e legitimação de suas ações, que resultam em meios de resistência ao esquecimento e à injustiça. Elas conseguem colaborar para as lógicas algorítmicas do Facebook para criar espaços de proteção de *haters* e daqueles que as veem como ameaça à felicidade. No site, as mães encontram formas de vivenciar o luto, por meio da construção de narrativas, do compartilhamento de textos e memes. Com o Facebook elas conseguem insistir na memória da tragédia e empreender novos projetos para os quais direcionam esforços e atenção (PAVANELLO, 2019, p.142).

Na impossibilidade da presença viva dos(as) filhos(as), as mães buscam uma forma de continuarem exercendo suas atribuições maternas (SCAVONE, 2001), de zelar pelo bem dos(as) filhos(as), sentindo orgulho dos seus feitos, celebrando aniversários, realizando encontros entre os(as) amigos(as) para a manutenção da memória e a articulação de suas redes afetivas. Assim, além de não deixar apagar as memórias daqueles(as) que mais amam, tampouco deixam que a sociedade esqueça que elas, apesar da tragédia, seguem sendo mães.

Considerações Finais

Ao se analisar as apropriações da mídia social Facebook por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss, conclui-se que a plataforma não é consumida apenas como mediadora entre as mães e a sociedade, mas também entre elas e os(as) filhos(as), o que fica visível quando utilizam essa mídia no intuito de tentar estabelecer diálogos com os que já partiram, ou escrevem textos direcionados a eles(as), mesmo sabendo da impossibilidade de uma resposta materializada. Essa impossibilidade, no entanto, não interdita as práticas de narração pública das emoções, uma vez que esses atos assumem a forma de desabafo, de expurgo e compartilhamento da dor. Ao escreverem aos seus(suas) filhos(as) elas endereçam a si mesmas, podendo refletir sobre suas próprias dores e compartilhando com outras pessoas aquilo que sentem.

Essa é uma forma de elas continuarem sendo mães, agentes participantes das culturas do cuidado, como demonstrando preocupação com o bem-estar dos(as) filhos(as), declarando seu amor ou comemorando seus feitos ou mesmo seus aniversários. A manutenção dos perfis pessoais dos(as) filhos(as), assim como a preservação de objetos pessoais são maneiras que encontraram de manter existindo a presença desses(as) jovens e o elo eterno que as unem.

Para elas, estabelecer uma conversa mediada diminui a distância que é impossível de ser contornada, uma vez que agora estão separadas(dos) por planos de existência. Assim, o Facebook ajuda a amenizar a dor da separação causada pela morte até que seja possível um novo reencontro, desejo que foi mais de uma vez expresso pelas quatro interlocutoras. Ao compartilharem as memórias dos(as) filhos(as), elas operam um trabalho de manutenção da memória social e coletiva da tragédia, dando um rosto jovem e humano e uma história pessoal ao acontecimento, à injustiça que as acomete, legitimando assim a ininterrupta luta por justiça, pela qual todas as suas ações passam a ser conduzidas.

As estratégias adotadas por elas foram possíveis devido ao protagonismo individual ou mesmo da nucleação familiar assumido pelos parentes das vítimas na luta por justiça, que reivindicam voz e presença no espaço público. Assim, as mídias sociais digitais e também as mídias tradicionais, os espaços públicos, as agremiações, as ações de protesto e acompanhamento do processo judicial perfazem de igual modo as práticas de transformação do luto em movimento contínuo não de superação da tragédia, mas de redefinição da vida social mais ampla. Em um primeiro momento, a cobertura jornalística

por veículos de comunicação fez com que essas mães ficassem imagética e amplamente conhecidas como sofredoras legítimas da tragédia. Depois, a permanência delas nos espaços públicos offline e online ratificaram a relação das mães com os seus novos propósitos de vida que implicam a preservação da memória e o empenho por alcançar a justiça.

O emprego da linguagem do corpo para a elaboração das emoções e a contagem do tempo da tragédia, que contabiliza o tempo pela ausência, são exemplos de como a mídia social é apropriada pelas mães como forma de resistência e busca por apoio, proteção terapêutica e manutenção das memórias. Com isso, a rede social se transforma tanto em recurso narrativo das emoções, que produz os sentidos de ser mãe ao inventariar todo e qualquer elemento que demarque o parentesco, dado que a morte não coloca fim na relação, quanto em um calendário que demarca e atualiza a saudade.

Por meio da indicação desses significados, assumidos a partir da inscrição dessa mídia social no cotidiano pós-tragédia, conclui-se que o Facebook é tomado como espaço de ação e reflexão no qual as mães podem experimentar diferentes situações resultantes da morte dos(as) filhos(as). Essas ações se elaboram e se transformam de acordo com a passagem do tempo e com os modos com que o luto redimensiona suas vidas. Através dele, elas conseguem acionar mecanismos de reestruturação da vida emocional e social e encontram novas formas de continuarem assumindo seus papéis como mães.

Referências

- ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- ARIÈS, Phillip. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. *In*: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. (Orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-44.
- BOUSSO, Regina *et al.* Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 172-179, 2014.
- CAMPANELLA, Bruno; BARROS Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: e-papers, 2016.

CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 6, p. 58-71, mar. 2014.

DAS, Veena. **Critical events: an anthropological perspective on contemporary India**. New Deli: Oxford University Press, 1996.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARIA, Aline; LERNER, Kátia. “A maior das dores”: o luto de mães no espaço público. **Lumina**. UFJF. v. 12, n. 2, maio/ago. 2018p. 118-135.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (Orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 205-227.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo, n-1 Edições, 2013.

FREITAS, Joanneliese; MICHEL, Luís. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 273-283, abr./jun. 2014.

FREITAS, Rita de Cássia. Famílias e violência: reflexões sobre as Mães de Acari. **Psicologia USP**. v. 13, n. 2. Jul. 2002, p. 69-103.

FRIZZO, Heloísa. **Blogs de mães enlutadas: o luto e as tecnologias de comunicação**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

HINE, Christine. **Ethography for the internet: Emedded, Embodied and Everiday**. London: Bloomsbury, 2015.

_____. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

KEGLER, Bruno. **Redes de comunicação pública, visibilidade e permanência do acontecimento público Tragédia Kiss (Santa Maria, Brasil, 2013)**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 49-75, 2014.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrinseca, 2018.

LEITE, Márcia Pereira. Mães em movimento. In: BRIMAN, Patricia; LEITE, Márcia Pereira (Org.). **Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Pronex-CNPq, 2004, p. 141-190.

- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. *In: Marcel Mauss: antropologia*. São Paulo: Ática, 1979, p. 147-153.
- MELLO, Carlos. Ritos digitais, táticas e finitude: Confrontando a morte no Facebook. *Revista Novos Olhares*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 90-101, jan./jun. 2016.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The Internet: An Ethnographic Approach*. New York: Oxford, 2001.
- _____. *Tales from Facebook*. USA: Polity, 2011.
- _____; MADIANOU, Mirca. Deve-se aceitar uma solicitação de amizade da própria mãe? E outros dilemas filipinos. *In: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia da; SOUZA, Angela Maria. (Orgs.). Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012, p. 23-48.
- _____. *Treco, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____; HORST, Heather. A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Parágrafo*. v. 2, n. 3 jul./dez., 2015, p. 91-111.
- _____. *et al. How the World Changed Social Media*. London: UCL Press, 2016.
- NEGRINI, Michele. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta”. *Discursos Fotográficos*, v. 6, n. 8, p. 13-33, 2010.
- OLIVEIRA-CRUZ, Milena. O trauma coletivo da perda e as experiências privadas do luto: reflexões sobre o caso de Santa Maria. *In: SILVEIRA, Ada (Org.). Mídiação da tragédia de Santa Maria*. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 2.v. p. 365-381.
- PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PAVANELLO, Alice. *Práticas de consumo do Facebook por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss: a criação de experiências no cotidiano*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.
- PEIXOTO, Priscila; BORGES, Zulmira; SIQUEIRA, Monalisa. A despedida anunciada: emoções e espiritualidade entre familiares das vítimas da Boate Kiss. *Ciencias Sociales y Religión*, Porto Alegre, v. 18, n. 24, p. 71-89, jan./jul. 2016.
- PERLUXO, Diana. *“Anjos Online”*: estudo qualitativo sobre a utilização do Facebook no processo de luto parental. 2015. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.
- PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In: ALMEIDA, Heloisa; SZWAKO, José. (Orgs.). Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis, 2009.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006.

SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Comunicação e cultura**, v. 10, n. 3, p. 574-596, set./dez. 2012.

SARTI, Cynthia. A construção das figuras da violência: a vítima, a testemunha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 77-105.

SCAVONE, Lúcia. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 16, 2001, p. 137-150, 2001.

SILVA, Carolina; BRIGNOL, Liliane. Mobilização social no Facebook: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate Kiss. *In*: SILVEIRA, Ada. (Org.). **Midiatização da Tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. v.1. p. 151-176.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A festa “Agromerados” e a catástrofe biopolítica. *In*: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. (Org.) **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. A catástrofe biopolítica. 2. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018.

SIQUEIRA, Monalisa; VÍCTORA, Ceres. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da “Tragédia de Santa Maria”. **Revista Latinoamericana sexualidad, salud y sociedad**. n. 25, abr. 2017, p.166-190.

VECCHIOLI, Virginia. Critical events: an anthropological perspective on contemporary India. **Mana**. v. 6, n.2, 2000, p. 177-180.

^a Professora Substituta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, no campus de Frederico Westphalen. Doutoranda em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e Mestra em Comunicação pelo mesmo Programa (2019). Integrante do Grupo de Pesquisa de Estudos em Jornalismo (UFSM/ CNPq). Especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale dos Sinos (2015). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (2009).

^b Doutor e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. Membro do GP Consumo e Culturas Digitais (UFSM/CNPq).

^c Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria - RS, Brasil.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.